

Stadium



**CORONA, do Benfica,
joga a bola de cabeça!**

Foto A. FERRAR

N.º 251
24 DE SETEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

A brilhante recuperação do Benfica

como nota destacada da 3.ª jornada

Crónica de TAVARES DA SILVA

A PROVA de Lisboa retomou o seu curso normal: cada semana, cada etapa. No seu terceiro dia deu-nos um jogo que vivamente iluminou toda a jornada: o Benfica-Sporting.

As duas grandes forças do futebol lisboeta afrontaram-se dignamente numa luta cheia de emoção, verdade e entusiasmo. De resto, este encontro rodeava-se de maior expectativa: o Benfica ia praticamente tirar a prova das nove ao seu *arranjo* desta época, e o Sporting via no jogo a oportunidade de voltar a afirmar-se e desfazer um tanto ou quanto a impressão deixada nas suas exhibições de começo de época.

Por vezes, os jogos anunciados como melhores — não o são. Mas o Benfica-Sporting comportou motivos suficientes para agradar: domínio do Sporting, recuperação do Benfica e um final de dúvida...

Belenenses e Atlético levaram a melhor contra os seus adversários, respectivamente, Oriental e Estoril. Embora se tornasse patente a superioridade belenense nas Salésias, a vitória foi difícil de conquistar — pelo mau remate

dos azuis e pelo apego dos orientais à luta.

Na Tapadinha, a balança custou a pender para um lado, mas logo que o Atlético tomou as rédeas do governo — desenhou-se abertamente a sua vitória.

Ainda não acabaram de todo as violências e incorrecções, mas melhorou-se imenso no aspecto de disciplina. O comunicado federativo conseguiu infundir um pouco de respeito. Impunha-se que os árbitros trocassem impressões, em reuniões periódicas, sobre o comportamento uniforme a adoptar no rectângulo.

Foram apurados os seguintes resultados: Benfica 3-Sporting 3; Belenenses 2-Oriental 0; Atlético 6-Estoril 3.

Ao fim de três jornadas, o único clube que ainda não perdeu é o Benfica. Confirma-se a boa forma do grupo. O Belenenses morreu uma vez às mãos do Benfica, e o Sporting às mãos do Belenenses. A tabela acha-se ordenada do seguinte modo: *Benfica* 8 pontos 2 vitórias e 1 empate, 11-6 em bolas; *Belenenses* 7 pontos, 2 vit. 1 der., 5-4 em bolas; *Sporting* 6, 1 vit. 1 emp. 1 der., 7-5; *Atlético* 6, 1 vit. 1 emp. 1 der., 7-7; *Estoril* 5 pon-

tos, 1 vit. 2 der., 10-15 em bolas; *Oriental* 4 pontos, 1 emp. e 2 der., 5-8 em bolas.

A recuperação do Benfica tirou a vitória ao Sporting...

NO Campo Grande venderam-se todos os bilhetes. Muito antes do encontro principiar — o ambiente era de festa.

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Corona e Baptista.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Árbitro — Guido Gomes Rosa.

O desafio teve duas caras. Na primeira parte, de modo geral, o Sporting não se limitou a dominar mas mostrou-se também o melhor *team* no terreno. Ao intervalo, as apreciações coincidem: os *leões*, apesar dos incidentes da partida, mereciam a vitória... Porque tinham jogado, na verdade, mais (uns diziam *muito mais*) do que o seu inimigo.

A defesa do Sporting mostrava-se suficientemente segura, com lugar destacado para Ociávio Barrosa. Ele só, valentemente, jogador de fibra atlética, opunha-se com êxito ao quintetobenfiquense, que, diga-se em abono da verdade, não conseguia ligar os seus movimentos.

No lado sportinguista tudo carburava bem. O conjunto acertava. E a passagem de jogo, dos médios para os dianteiros, fazia-se sem atritos, com a suavidade e clareza do futebol ligado.

A linha da frente leonina dava nas vistas. Os traçados surgiam no terreno com facilidade, e não se praticava a passagem de acaso, mas sim futebol de precisão. Este ataque batia e dominava a defesa contrária, um pouco apoquentada, que sem querer se deixava suplantear. O movimento dos *leões* era voluntarioso, rápido, de boa ciência.

Albano, em passe de Peyroteo, marcou a primeira bola logo no começo. E a prova da apoquentação da defesa benfiquense está precisamente no 2.º e 3.º tentos conquistados pelos verde-brancos, ambos obra de Peyroteo.

Os grupos ficaram desfalcados, aos 28 minutos, cada um de uma unidade: Corona e Canário. Salientemos que, em nosso entender, o jogador do Benfica produziu uma *falta de jogo*, e do Sporting foi um pouco mais além... Concluindo, em seguida, que essa expulsão tornou o futebol mais limpo; o que, de resto, está nas tradições dos dois clubse.

Na segunda parte—tudo mudou. Surgiu-nos, então, a genica do Benfica, na outra cara do encontro. Os primeiros instantes deram a entender que o Benfica não desejava arriscar-se. Semelhante orientação não tinha a mais leve defesa: ao Benfica não interessava perder por três ou mais golos, mas sim dominar os acontecimentos.

Porque não destacar da parte do Benfica, no período de domínio do segundo tempo, um médio para a primeira linha?, era a pergunta que fazíamos a nós próprios.

O problema só foi visto no último quarto de hora. Tivesse sido antes, e a reviravolta seria ainda mais segura. Auxiliada pelo tratamento do Sporting, com Travassos a médio.

Já nos quinze minutos últimos, Francisco Ferreira passou para a frente e a sua desmedida energia obrou prodígios. Há jogadores que valem quanto pesam: são os que dão tudo em campo, nunca se considerando batidos...

Júlio tinha conseguido, aos 18 minutos da segunda parte, a primeira bola. A nove minutos do fim, num impulso vigoroso, o Benfica conquistava a segunda bola e um pouco mais tarde a do empate.

O espectáculo é de aqueles que não mais se esquecem: cinco minutos fizeram vibrar mais do que a hora e meia de muitos outros encontros, havendo ainda razão para qualquer dos lados não estar contente. Ambos os *teams* têm a recordar uma bola azarenta na trave, e uma centelha do guarda-redes adversário que tornou impossível o triunfo...

Rogério é um guarda-redes que se vem afirmando jogo-a-jogo. Nesta partida não teve a cobertura necessária, pois tanto Cerqueira como Fernandes praticaram erros de que ele veio a ser a vítima.

Jacinto melhorou no cair do encontro, e pertenceram-lhe bons lances. Moreira não readquiriu ainda a sua forma, mas a sua influência é manifesta. Francisco Ferreira foi o homem que impulsionou o ataque, agitando a bandeira encarnada. Mário Rui reapareceu destreinado. Arsénio jogou pleno de energia e rapidez, esfarrapando o quadro defensivo do adversário. Júlio foi o homem das oportunidades. Corona esteve discreto. Vitor Baptista adaptava-se ao lugar de extremo, e mostra características que se integram magnificamente no conjunto.

Azevedo parou algumas bolas difíceis, foi batido sem apelo nem agravo, e teve defesas de categoria, uma delas verdadeiramente soberana.

Juvenal comportou-se bem, e Manuel Marques começou a sentir os efeitos da falta de rapidez. Barrosa, envolvido na desorientação final, suportou grande parte da tarefa defensiva. Canário mostrava-se voluntarioso e útil, até a altura do seu passeio forçado para o vestiário. Veríssimo lutou muito, encontrando a medida da passagem e atenuando um pouco a má exibição contra o Belenenses.

Jesus Correia não deu o seu rendimento máximo, mas todas as suas intervenções resultaram perigosas. Vasques destacou-se na linha da frente, na inspiração dos melhores lances. Peyroteo, esforçado, jogou muito bem fazendo a demonstração de que está

A "graça" da semana



O novo «sistema» de jogo do Sporting...

longe de ter perdido grande parte das suas qualidades. Travassos decaí e rende menos, cremos que por culpa própria. Albano jogou bem com os pés, e mesmo com a cabeça: pratica lances de subtilidade e não esquece os golpes estudados.

Os desafios da Tapadinha e das Salesias

Na Tapadinha também houve cara e cruz, isto é, duas faces. Mas o Estoril pode apresentar, na lesão do médio Nunes, a sua melhor atenuante. Qualquer *team* sofre um abalo ao ficar privado de uma pedra basilar. O facto traz sempre complicações, e as soluções, de emergência, são difíceis.

Ora, no primeiro tempo, os homens do Estoril mostraram-se melhores praticantes. Baixando o jogo, depositando a bola na relva e fazendo traçados de recorte, eles comandaram — apesar do adversário não se entregar.

Quando aceitaram a fórmula do adversário, futebol enérgico, valente e ousado, os do Estoril podiam considerar-se batidos. Assim aconteceu. O Atlético acabou o primeiro tempo com um golo, e aos quatro minutos da segunda parte tinha estabelecido o empate. E tava aberto o caminho do triunfo, e o Atlético prosseguiu na trajectória, sem hesitações.

Se é certo não ter sido o jogo

de grande beleza, mesmo porque o Atlético já mais depositou a bola no solo, fugindo ou eliminando o vento, não há dúvida que os vencedores foram animosos e destemidos. Venceram... Porque os animava o *querer e poder*.

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, Pereira, José Lopes, Moraes, Martinho, Simões, Vital, Gregório e Caninhas.

Estoril — Rafael Ferreira, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Árbitro — Filipe Gameiro Pereira.

Também a vitória do Belenenses se tornou difícil pelo não-aproveitamento das oportunidades. Os dianteiros não quiseram expor-se e acusaram o jogo viril do seu adversário. Mas ela é a expressão do jogo.

Belenenses — Sérgio, Figueiredo, Feliciano, Amaro, Quaresma, Serafim, Rocha, Nunes, Veríssimo, Duarte e Teixeira.

Oriental — Fernanda, Albano, Moraes, Izidoro, Custódio, Cruz, Roçado, Abrantes, França, Ferreira da Silva e Moura.

Árbitro — José dos Santos Marques.

Confirmam-se as revelações belenenses. O estreante Rocha, do Clube dos Milionários na Argentina, é um bom praticante que, segundo parece, quer jogar com conta, peso e medida. Por outras palavras, não gosta de arriscar-se... E talvez esteja certo.

SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

As forças lutam com equilíbrio

Dois empates e uma vitória na terceira jornada...

A 2.^a Divisão, na Associação de Futebol de Lisboa, tem certa categoria. Há jogos com muito cartel, há jogadores de boa classe, que, muitas vezes se incorporam, um ano volvido, nos grupos de maior fama. E o público gosta destes desafios, que envolve a gente dos bairros de Lisboa, gente aguerrida e sempre disposta «a bater-se por sua dama...»

Enfim: — o campeonato da 2.^a Divisão agrada sempre, já porque nele interveem excelentes equipas, clubes populares, como porque há vibração, de certo modo simpática, — vibração que contagia um público amigo e fiel.

Ora vamos: — embora não se disputem campeonatos, segundo legislação nova, — joga-se como antigamente, com a ideia de campeonato. A mesma coisa — no fundo.

Este ano, cá encontramos equipas conhecidas: Futebol Benfica, Casa Pia, Operário, Arroios. S. L., Olivais e Sacavenense. O último, afastado pela equipa vizinha dos Olivais, reentrou por se afastar a «Cuf». Este grupo da «Cuf», que chegou a pertencer à 1.^a Divisão Nacional, mereceu-nos palavras de simpatia. Deu bons jogadores de futebol. Cumpriu sempre, e o melhor possível, com as suas obrigações de organismo desportivo.

Mas acabou o Grupo Desportivo da «Cuf»? Ou acabou, simplesmente, o grupo de futebol da «Cuf»? Oxalá tivesse acabado apenas, já que assim teve de ser, o grupo de futebol. Em outras modalidades, amadoras, pode muito bem marcar tão prestante colectividade, — que nunca teve por si o «grande público» mas nem por isso deixou de contribuir para a expansão do desporto.

Deixamos aqui palavras de justiça. E vamos ao futebol.

Na última jornada, os resultados foram os seguintes: Olivais, 2 — Casa Pia, 2 — Futebol Benfica, 0 — Operário, 0 — Sacavenense, 2 — Arroios, 0.

Claro que estes resultados indicam-nos imediatamente que o Sacavenense, entrando «por favor», conseguiu a única vitória da jornada. O facto de ser contra o Arroios e no seu campo pode querer afirmar alguma coisa? A vantagem de jogar em casa pode invocar-se, como é vulgar, mas

ainda hoje não obedecem a quaisquer regras definitivas.

Kipping, na secção do tema proposto pela Espanha atribuiu 30 pontos aos portugueses e 48 aos espanhóis, ao passo que Seiberger nos concedia a vitória por 44-34. Na secção do tema Portugal, o mesmo Seiberger inverteu o resultado, e Kipping atribuiu 40 pontos à equipa espanhola e 38 à portuguesa.

Assim, a Espanha triunfou por 166 pontos (82 + 84) contra 146 (74 + 72).

(Continua no próx. número)

se os rapazes de Sacavém ganharem todos os jogos no seu campo...

Os rapazes do Olivais não conseguiram vencer os casapianos. Bom sinal para os lisboetas de Pina Manique. Acreditamos que o Casa Pia, o ano findo vencedor do categorizado Estoril Praia, seja capaz de subir. Tanto como já subiu? Ora, tanto como merece. O Casa Pia trabalha há muitos anos com paixão, e a todos quantos gostam da bola poderia sorrir o seu progresso. Ainda há gente que sabe reconhecer os méritos do passado. E os «gansos» tem um passado bem em cheio!

Também o Operário, do bairro de S. Vicente, foi empatar a «Francisco Lazar». o terreno do Futebol Benfica. Não houve tentos. Quando isto sucede, não se chega a saber bem se o mérito pertence aos avançados ou aos defesas. Embora tal não pareça...

Se um bom ataque encontra uma grande defesa; se há 6 contra 5, ou mesmo 5 contra 5, não há razão para queixias. Não assistimos, evidentemente, a qualquer dos jogos da 2.^a Divisão. Criticamos em presença dos resultados, mais do que dos relatos. E os primeiros afirmam-nos que o Futebol Benfica foi inferior ao Operário, domingo último. Porquê o representante da Graça e arredores conseguiu safar-se airoosamente, sem derrota, com um empate que pode dar-lhe energias de que muito precisa para subir! Quando um clube luta como tem lutado o Operário, todas as alegrias são bem recebidas.

E pronto. Estamos em pleno campeonato da 2.^a Divisão. Que não sabemos se agora se chama assim. O que sabemos, na verdade, é que os grupos participantes tem por si a afeição do público, — público de um bairro ou de outro, de Lisboa inteira, afinal, onde os desportistas estão sempre prontos a encorajar os seus favoritos.

As equipas apresentaram-se do seguinte modo:

FUTEBOL BENFICA — Aníbal; Varela, Henriques e Diogo; Brito e Nogueira; Coucelo, Dias, Américo, Estevão e Santos.

OPERÁRIO — Délio; Galileu, Rogério e Serafim; Antero e Amorim; Mota, Henrique, Parreira, Aníbal e Alves.

S. L. E OLIVAIAS — Jaime Paiva; Correia e Frutuoso; Guilherme, Rogério e Abílio; Clemente, Bento, Moreira, Leonel e Fernando.

CASA PIA — Cardoso; Vasco da Gama e Pais; Santos, Júlio e Carvalho; Eusebio, Dias, Prates, Garção e Rocha.

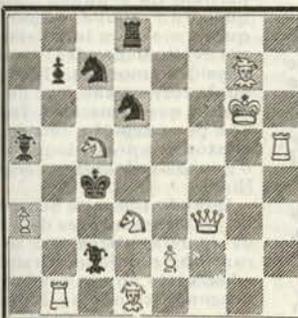
SACAVENENSE — Agostinho; Fausto, e Otávio; Guimarães, Figueiredo, Alvaro Gomes; Tristão; Lourenço, Freitas, Tancredo e Filipe.

ARROIOS — Cardoso; França e Calais; Ramos Silva, Xavier e Dario; Felix, Parente, Grancho, Pinho e Ferramenta.

Rodrigues Teles

XADREZ

O «match» problemístico luso-espanhol



Este problema, de autoria do nosso compatriota J. Casimiro Vinagre, resultou antecipado pelo seguinte problema de F. Fleck, publicado no «Grautham Journal», em 1930.

Branças: Rg2, Db7, Td1, Tf2, Bh2, Be2, Cd5, Ce7, Pe4, e5, f7 e g5.

Pretas: Re6, De8, Ta6, Be6, Cd2, Cf8, Pe5, g7.

Chave: 1. Cg6, Ce4; 2. Cc7, Se... Cf3; 2. Cf4.

Sofreu, por este motivo, eliminação, sem o qual, a equipa portuguesa teria provavelmente saído vencedora do torneio, pois seguramente, valeria mais de 20 pontos.

Quando, há um ano, nesta Revista lançamos a ideia dum «match» Portugal-Espanha em Problemas de Xadrez, reservado aos novos compositores, focamos a trans-

cedência desse passo, não escondendo a especeança de que sairíamos vencedores, o que seria de capital importância para a Causa do Xadrez Artístico no nosso país.

Apresentamos um lote de problemas nacionais, compostos especialmente para o torneio, que nos satisfazia em absoluto. O próprio «director» do «match», Mr. G. F. Anderson, problemista britânico de renome internacional, concordou considerando-o mesmo superior à «coleção» espanhola.

Mas, infelizmente para nós, tal não se confirmou — pelo menos em face das classificações apresentadas pelo júri que examinou os problemas concorrentes. Três desclassificações de trabalhos portugueses, uma por «antecipação» completa e duas «parciais» ditaram um resultado, que nos sendo desfavorável, porque signicou uma derrota, nem por isso deixou de nos ser honroso, tanto pela pequena diferença que não obstante a nossa infelicidade, nos separa da pontuação do adversário, como pela categoria incontestável das composições nacionais.

A dissimelhança de critério dos juizes — o inglês C. S. Kipping, proposto pelos espanhóis, e o holandês J. Seiberger, indicado pelos nossos — foi notória, o que não é de admirar, porque as classificações dos problemas de xadrez,



OLIVAIS — CASA PIA
—1 e 2— Os dois clubes disputaram um encontro reñido que terminou com um empate 2-2. Em (1) vê-se uma defesa de Jaime Paiva; em (2), um ataque do Olivals às redes casa-pianas.



SACAVENENSE — ARROIOS — 1 e 2 — Dois trechos do encontro que deu uma esplêndida vitória ao Sacavenense



Patalino, o já célebre avançado-centro de Elvas, que, no ano passado, brilhou a grande altura em Bordeus, acaba de contrair matrimónio. Stadium deseja ao simpático casal as maiores venturas e prosperidades



A linha de ataque do Belenenses, com uma asa nova, deu muito trabalho à defesa do Sporting

BELENENSES, 2-SPORTING, 1

O Belenenses arrancou esplêndida vitória na relva do Estádio Alvalade! Este triunfo era necessário ao clube de Belem e faz bem ao futebol lisboeta. Especialmente por ter sido conseguido no momento em que o Belenenses opera a renovação do seu grupo, num grande esforço, pondo um novo elemento na defesa e dois jovens no ataque. Deste modo, a vitória tem ainda um significado mais valioso.

O quadro belenense não está ainda equilibrado como deve ser: falta-lhe harmonia e regularidade de movimentos, o que advém do conhecimento e da ligação perfeita de todas as unidades. Mas o Belenenses adquiriu a certeza de que tem homens de futuro, isto é, de que de aqui a algum tempo poderá apresentar um onze perfeito e completo.

Para nós, considerámos Felgueiredo uma autêntica revelação. Jogador tecnicamente bem dotado, invulgarmente rápido, com dois pés de alavanca, logo que aprenda a colocar-se sempre no seu devido sítio — temos homem! Em certa altura demos por Feliciano a dar palmas...

O novo interior Duarte, da estirpe dos bons jogadores, também revelou qualidades a aperfeiçoar, precisando no entanto de método e disciplina. Há no rapaz a coragem própria dos dianteiros, a au-

dácia e o fogo sagrado que caracterizam os avançados. O modelo que era José Manuel Soares ha-de ter um dia imitadores ou continuadores. Já Verissimo deixou impressões mais fracas. Mas a verdade é que não se pode fazer um julgamento definitivo por um só encontro.

O Belenenses soube conquistar as duas bolas, e logo que se viu senhor da vitória — defendeu-se com invulgar tenacidade. A proesa estava ao seu alcance, e o team compreendeu perfeitamente a influência que o resultado podia exercer para o resto da época... Defendeu-se, então, como é lícito na competição, delatando bolas fora e destruindo, destruindo sempre... Era a palavra de ordem.

O Sporting teve um largo período da segunda parte em que não soube vencer, em que se mostrou impotente: no aproveitamento das chamadas ocasiões mortais. Linha de chutadores — não teve um elemento que rematasse. Travassos, por exemplo, como regra, chutou sempre de longe — para o guarda-redes adversário brilhar!

Quando todos os belenenses se juntaram na área da defesa, os sportingistas não souberam abrir o jogo, atraído o adversário ao seu campo para des congestionar as fileiras e cair em seguida a fundo.

O futebol leonino acusou três faltas principais: pouca mobilidade por parte do avançado-centro; incompreensível desinteresse, por amuo, em certos trechos, de Travassos; capacidade de resistência insuficiente.

A verdade é que o team acusou, na segunda parte, como já tinha acontecido contra o A. Bilbao, mingua de forças. E o fôlego não se adquire do pé para a mão... Precisamente o que lhe sobrava na época transaccional — falta-lhe agora. E de si a possibilidade de se verificarem alguns desgostos, escusados.

A arbitragem de Augusto Machado teve erros nitidos, e esses erros tiveram consequências funestas para o Sporting. Mas a falta de intenção no errar deve absolver o juiz de campo.



Pyroteo tenta passar Feliciano — um obstáculo sempre difícil de transpor!



Em que se narra como a Grã-Bretanha dispende 500 milhões de libras por ano em apostas que são na maioria contra a lei; da loucura das leis do jogo e dos extravagantes costumes que dessa circunstância resultam; da diferença entre a legislação inglesa e escocesa e de como alguns jogadores obtêm lucros; e de outros factos estranhos acerca duma das maiores indústrias do país.

vocar a «Gaming Act», a Lei do Jogo, qual estabelece ser ilegal apostar.

A lei escocesa permite um subterfúgio

A importância inicial das apostas é paga por uma organização especial de funcionários peritos no assunto do «Sporting Life» e do «Sporting Chronicle» — os dois principais jornais que se ocupam de corridas de cavalos. A organização paga o preço estipulado dos corredores individuais «à largada», como foi estabelecido e oferecido pelos «bookmakers».

Todos podem também apostar com o «backmaker» conforme as diferenças registadas no «totalizador» — mostrador que existe em todas as corridas, indicando o número de cavalos e a importância das apostas com vista à divisão do total entre os que jogarem no vencedor.

Estes valores podem ser piores ou melhores do que o inicial mas com determinação margem. Habitualmente são superiores ao preço «tote» visto que os «bookmakers» costumam dar uma margem de 100/6 e outros 20/1. O «tote» paga 100/1 e mais em certas ocasiões.

Sobre os valores indicados no «totalizador» pode-se jogar apenas por uma posição. Raros «backmakers» permitem aos seus clientes apostar excepto sobre o vencedor ou sobre o vencedor e a posição à chegada.

Na Escócia, pode-se mandar a importância em dinheiro ou vale postal e conta-se a aposta se o carimbo marcando na estampilha da carta indicar uma hora anterior ao início da corrida. Na Inglaterra, isto é ilegal e assim muitos dos principais «bookmakers» ingleses têm um escritório na Escócia para aceitar essas apostas. Esses escritórios são apenas uma estação de passagem. Os grandes bancos de correio dirigidos para esses escritórios são imediatamente enviados para o escritório de Londres sem serem abertos. Só em Londres são abertos esses malas de correio.

Os que não querem pagar

É natural que as apostas a crédito dêem lugar a um certo número de faltas. A maioria delas é da parte dos que apostam. Geralmente um «bookmaker» sente-se muito satisfeito se durante os primeiros três dias da semana consegue receber metade da importância que lhe devem e se durante o resto da semana consegue reunir mais 10 por cento. Dos restantes 40 por cento pode talvez vir a receber metade dentro de algum tempo e nunca a outra metade.

Encontram-se também «bookmakers» que se recusam a pagar a importância aos premiados ou discutem acerca dos vales postais que o firmam nunca terem recebido. Contudo são uma minoria os que assim procedem.

Talvez a maior proporção de apostas a crédito seja nas corridas clássicas e mais importantes, nas quais os preços são especialmente fixados antes da corrida e assim conhecidos para se poderem fazer as apostas pelo correio. Apostam-se muitas centenas de milhares de libras nestas corridas. Consta que a derrota de «Tadour Minstrel» no «Derby» deste ano causou diferenças aos «bookmakers» no valor de muitos milhões de libras. O poldro tinha a sua favor apostas que atingiram a proporção de 10 para 1.

Mulheres que não respeitam as normas

Também se registaram golpes tremendos noutras ocasiões; mas nenhum maior do que no ano passado quando «Monsieur L'Amiral» venceu o «Cesnewitch», sobre o qual se fizeram largas apostas em todo o país. Os que apostaram pelo vencedor ganharam qualquer coisa como 50.000 libras.

São muito simples as apostas no decurso da corrida. Os que apostam podem fazer-lo a crédito ou a pronto aos preços oferecidos, regulando-se pelo «totalizador».

Dama maneira geral as apostas são a pronto, mas as pessoas que se encontram no recinto reservado, podem fazer as suas apostas com os principais «bookmakers» a crédito e estes aceitam-nos aos clientes conhecidos. A maior parte das pessoas que apostam grandes quantias preferem as indicações dos «bookmakers» às do «totalizador»; porque sabem assim qual a importância que vão receber, enquanto que não se pode prever o prémio do «totalizador»; porque quanto mais apostarem num cavalo no «totalizador» menor é a proposta do lucro. Além disso, há muitas pessoas que observam o «totalizador» e apostam os cavalos que têm maiores apostas. Isto contribui para que o valor original da aposta venha ainda a redair-se e as pessoas que tenham palpites ou informações acertadas, em vez de receberem de 10 para 1 podem finalmente receber uma importância muito inferior e mesmo até inferior à da aposta.

Actualmente na Inglaterra pode-se apostar a crédito com o «totalizador» assim como com o «bookmaker». As pessoas que fazem pequenas apostas e em particular as mulheres preferem esta forma de apostas em vez de fazerem bicha junto das barracas do «totalizador» ou de apostar com os «bookmakers». Mas não é permitido às mulheres entrarem no recinto onde se encontram os «bookmakers» no campo de Ascot, para apostar. Constitui essa uma das aspirações sociais de muitas mas poucas conseguem ver realizada. Têm de mandar os homens da família, para fazerem as apostas ou utilizar o «totalizador».

Não lezer caso desta lei não escrita traz dissabores: este ano muitas senhoras não obtiveram a habitual permissão de entrarem no recinto, porque no ano passado foram vistas a entregar dinheiro aos «bookmakers».

Aqui está como se aposta hoje na Grã-Bretanha. Ganhamos, perdemos e divertimo-nos, e embora tudo isto seja contra a lei nenhum Governo Britânico se atreve a pôr termo a estes costumes. — V. M.

Nos últimos anos os Ingleses têm dispendido por volta de 500 milhões de libras esterlinas anualmente em apostas — o que significa pouco mais ou menos 10 libras por pessoa, e ainda mais e mais se não contarmos com as crianças que não apostam, ou que não devem apostar.

Contudo, as apostas não são legais. Isto não quer dizer que todas as apostas sejam ilegais. As leis do jogo na Grã-Bretanha são das mais intrincadas e confusas do país e, certamente, do mundo.

O caso é que há «uma lei para os ricos e outra para os pobres». Enquanto um homem abastado pode telefonar para o seu «bookmaker» e apostar a soma que entender sobre um cavalo, o pobre que aposta apenas uns xelins pode ser preso se for surpreendido pela polícia na rua a tratar com o «bookmaker».

As apostas a pronto podem legalmente ser feitas apenas no decurso da corrida. Por este motivo há milhares de «bookmakers» (contratadores) que acertam as apostas em todas as cidades e nas aldeias, concedendo créditos que podem ser pagos desde uma libra por semana até qualquer quantia.

A maior parte das apostas é feita pelo telefone, por telegrama ou por carta. Estas apostas a crédito baseiam-se na bon-fé. O «bookmaker» pode não pagar ao seu cliente e aquele que apostou e perdeu pode in-

A EQUIPA DE LISBOA...

... e arredores

só perderam duas vezes em quinze desafios!

por JORGE MONTEIRO

Prometemos — num dos números de «Stadium» — fornecer á curiosidade da meia dúzia dos leitores fieis, que acompanham as nossas *catarrices oquísticas* de há mais de vinte anos, alguns elementos estatísticos acerca das partidas Lisboa-Porto ou Sul-Norte; quer dizer, entre as equipas das duas cidades... e arredores, como Sintra, Paço de Arcos, Oeiras, Amadora, Espinho, Carvalhos, etc. E como o prometido é devido... Vamos, então, ao que pode interessar:

Estas relações oquísticas entre o sul e o norte começaram — ao tempo em que os dois núcleos regionais estavam encorporados na Federação Nacional — com os encontros Porto-Lisboa de que se efectuaram quatro edições — todas elas com triunfo lisboense progressivo: 5-2 (1.ª parte: 2-0) em Lisboa (Estádio Mayer) a 1 de Agosto de 1941; 6-2 (2-2) em Espinho (Casino), dois dias decorridos sobre a estreita; 10-2 (4-1) em Cascais (Dramático) a 19 de Setembro de 1942; e 14-1 (4-1) no Porto (Lima) a 24 de Outubro do mesmo ano.

No somatório de resultados, temos, pois, quatro vitórias de Lisboa, com 35 golos a 7.

Aqueles quatro desafios tiveram sempre árbitros diferentes: Artur Gomes e Domingos Silva (Lisboa) no 1.º e 3.º; António e José Figueiredo (Porto) no 2.º e 4.º.

A equipa de Lisboa — para a primeira fase da competição entre sudistas e nortenhos — mudaram, tendo-o sido Júlio Sanches (Sporting) em 1941 e Leonel Costa (Benfica) em 1942. Os efectivos: — Fernando Adrião (Futebol Benfica), António Bernardino (Lisgás), Sidónio e Olivério Serpa (Futebol Benfica) e Jesus Correia (Paço de Arcos).

No grupo do Porto também não houve alterações muito sensíveis: em 1941 — António Seixas (Estrela e Vigorosa), António e Manuel Soares (Infante de Sagres), António Ribeiro (Carvalhos H.C.), Armando Veloso (I. S.) e Luís Aragão (E. V.); em 1942 — António Seixas, Correia de Brito e Mário Gonçalves (Estrela e Vigorosa), António Ribeiro e Armando Veloso (Académico) e Abel Santiago (Académico de Espinho) jogaram em Cascais, e, no Porto, Correia de Brito foi substituído por António Soares. Quer dizer: Seixas, Ribeiro e Veloso (os dois últimos em clubes diferentes) disputaram todos os jogos; A. Soares, três; M. Soares, Gonçalves, Aragão e Santiago, dois; Brito, um.

Com a constituição das associações distritais veio a segunda fase: e então aqueles primitivos encon-

tros Porto-Lisboa passaram a denominar-se de Norte-Sul. Os jogadores, em regra, são os mesmos — pois pertencem a clubes das duas cidades e arredores; a designação é que é diferente... Mas registou-se, de uma para outra «função», um interregno de quase três anos! E do II Norte-Sul ao desafio de agora foram outros dois anos...

Portanto:

1.º Norte-Sul — Em Santo Amaro de Oeiras (18 de Agosto de 1945) com arbitragem de João Melo (L.) e triunfo sudista por 7-4 (1.ª parte: 5-3). Este desafio — como o seguinte, — ficou memorável... pelos três primeiros golos de Olivério dos vinte segundos aos quatro minutos — a que os visitantes responderam com 3-4. Marcam os tentos: Olivério (4), Jesus Correia (2) e Correia dos Santos pelo sul; R. beiro, Veloso, António e Manuel Soares pelo norte. E alinharam: Sul — Rui Pedrosa (Lisgás), António Raio (Oquei de Sintra), Sidónio e Olivério Serpa (Futebol Benfica), Jesus Correia e Correia dos Santos (Paço de Arcos); Norte — Carlos de Oliveira, António e Manuel Soares (Infante de Sagres), António Ribeiro e Armando Veloso (Académico) e Raúl Lima (Estrela e Vigorosa).

2.º Norte-Sul — No Porto (Palácio de Cristal) em 15 de Setembro do mesmo ano. Arbitro: Virgínio Pereira (Académica de Espinho). A equipa do norte, que uma semana antes havia ganho, por 4-3, à selecção helvética de Montreux, registou o seu primeiro triunfo sobre a turma do sul: 6-5. Mas pelos vencidos não jogou Jesus Correia... O sul chegou ao intervalo com 3-2, e «afundou-se» no segundo tempo! Os nortenhos, com evidência para Raúl Lima, que à sua parte marcou quatro golos (os restantes foram de Manuel Soares e Veloso), jogaram realmente com imensa vontade; a equipa era a mesma que estivera em Santo Amaro de Oeiras e que derrotara os suíços. Pelo sul alinharam e marcarem: Cipriano Santos, (Oquei de Sintra); António Bernardino (Sporting de Oeiras), 1; Sidónio (1) e Olivério Serpa, 1 (Futebol Benfica); Correia dos Santos (Paço de Arcos),

1; e Vasco Velez (Oquei de Sintra), 1.

3.º Norte-Sul — No Porto (Palácio de Cristal) em 26 de Julho de 1947. Arbitragem de Martins

do (o guarda-redes Emídio Pinto não jogou: quanto aos restantes, cumprindo uma «formalidade ultra-moderna», entraram, alguns episódicamente, para substituições.

Nas sete partidas, apenas tomaram parte, em todas elas, Olivério Serpa e António Ribeiro, tendo sido até aquele o único jogador que marcou golos em todos os desafios, consoante pode verificar-se pelos quadros seguintes:

LISBOA	SUL				NORTE			T.
	1.º	2.º	3.º	4.º	1.º	2.º	3.º	
Olivério Serpa.....	2	3	4	8 (17)	4	1	1 (6)	23
Jesus Correia.....	2	—	5	4 (11)	2	—	2 (4)	15
Sidónio Serpa.....	1	—	1	1 (3)	—	1	— (1)	4
Correia dos Santos.....	—	—	—	—	1	1	2 (4)	4
António Bernardino.....	—	2	—	1 (3)	—	1	— (1)	4
Júlio Sanches.....	—	1	—	— (1)	—	—	—	1
Vasco Velez.....	—	—	—	—	—	1	— (1)	1
Alvaro Lopes.....	—	—	—	—	—	—	1 (1)	1
Totais....	5	6	10	14 (35)	7	5	6 (18)	53

PORTO	NORTE				T.
	1.º	2.º	3.º	4.º	
Armando Veloso.....	2	1	—	— (3)	5
Raul Lima.....	—	—	—	—	4
António Soares.....	—	1	—	1 (2)	3
Manuel Soares.....	—	—	—	—	3
António Ribeiro.....	—	—	1	— (1)	2
Abel Santiago.....	—	—	1	— (1)	1
Totais....	2	2	2	1 (7)	18

Correia (L.) e novo triunfo sudista por 6-1 (1.ª parte: 4-1). Golos de Jesus Correia (2), Correia dos Santos (2), Olivério e Lopes, pelo sul, e Manuel Soares, pelo norte. As equipas: sul — Cipriano Santos (Oquei de Sintra), Alvaro Lopes (Académica da Amadora), Manuel Gomes (Paço de Arcos), Olivério Serpa (Futebol Benfica), Jesus Correia e Correia dos Santos (Paço de Arcos); norte — Coelho de Almeida e Correia de Brito (Académico), Manuel Soares (Infante de Sagres), António Ribeiro (Académico), Fernando Figueiredo (Infante de Sagres) e Abel Santiago (Académica de Espinho). Dos suplentes — Carlos Alberto (Futebol Benfica) e Emídio Pinto (Paço de Arcos), pelo sul; Gomes da Costa (Infante de Sagres) e Manuel Fernandes (Académico), pelo norte — só o segun-

do. Quanto a jogadores intervenientes: Por Lisboa e Sul — Olivério Serpa (4+3=7); Sidónio Serpa e Jesus Correia (4+2=6); António Bernardino (4+1=5); Fernando Adrião (4+0=4); Correia dos Santos (0+3=3); Júlio Sanches e Leonel Costa (2+0=2); Cipriano Santos (0+2=2); Rui Pedrosa, Raio Junior, Vasco Velez, Alvaro Lopes e Manuel Gomes (0+1=1). Pelo Porto ou Norte — António Ribeiro (4+3=7); Armando Veloso (4+2=6); António Soares (3+2=5); Manuel Soares (2+3=5); António Seixas (4+0=4); Abel Santiago (2+1=3); Luís Aragão e Mário Gonçalves (2+0=4); Correia de Brito (1+1=2); Carlos de Oliveira e Raul Lima (0+2=2); Coelho de Almeida e Fernando Figueiredo

(Continua na pág. 18)



CARNICERITO DO MEXICO

MADRID, 22 — Pepin Martín Vazquez, que aqui está arranjando a perna atrofiada pela colhida que quase ia sendo a de «Manolete», e que não voltará a tourear esta temporada em Espanha, arrastou-nos para Vista Alegre. Com ele e com o seu «apoderado» o antigo matador de touros «Rayto» ocupamos brechas sobre as quais correm as atenções do público que supunha o jovem toureiro impossibilitado de andar, ainda que o faça com dificuldade. O interesse da corrida, com uma enchente, reside no facto de «Parrao» se fazer acompanhar da quadrilha de «Manolete», a quem aquele deu o sangue, pelo que se apresenta ainda decaído, com falta de sangue, em todo o sentido.

Não estiveram melhor que «Parrao» os outros matadores, Félix Colomo, que de novilheiro deu esperanças, e Pino, outra esperança perdida. Sirva-lhes de desculpa os touros de Tres Palacios e hoje de Sanchez, caindo a cada passo, e mausos.

O público, de pé, ovacionou, um a um, todos os da quadrilha de «Manolete» — os bandarilheiros «Pinturas» e «Carnicerito de Málaga», que em Linares lhe levou duas vezes o estoque para matar o touro que o havia de matar, e os picadores «Pimpis» e «Atienza», e até o bom Guilherme, o fiel moço de espadas, faltando apenas «Cantimplas», que não voltará a tourear depois da desgraça de seu primo, e «David». As ovações são recebidas com lágrimas pelos que perde

PÁGINA de TOUROS

ram o «maestro» que para eles ia tourear uma das corridas da despedida em que o surpreendeu a morte. Terão que servir «aos» outros senhores, mas não poderão esquecer aquele Senhor que eles tanto estimavam, e que tanto os estimava. A sombra de «Manolete» paira sobre todos, e tanto que os toureiros pouco puderam fazer em Vista Alegre, destacando-se «Pinturas» em dois pares de bandarilhas, «Pimpis» em dois «poyazos» e «Rubichi» que foi a providência na aca, sempre oportuno, ainda que não pudesse evitar que Pino recebesse um «puntazo» por se encerrar nas tábuas quando iniciava com vontade a sua segunda faina.

Regressámos a Madrid tão decaídos de ânimo que «Pepin», para alegrar a tristeza, nos levou para «Villa Rosa», onde estivemos até de madrugada, ouvindo cantar e vendo bailar os melhores «flamencos» que se encontraram por Madrid — «Cepero», «La Niña de Fu-go», Filipe, «Moja» e dois bons tocadores. É assim, cantando e bailando, que os ciganos se animam quando morre algum dos seus, e assim procurámos esquecer a morte daquele que todos estimávamos. Horas depois havíamos de receber em Madrid a notícia da morte de «Carnicerito do México», em Vila Viçosa, quase como «Manolete». Era um toureiro valente, e vimo-lo deubar em Sevilha mordendo a orelha dum touro. Depois teve a sua temporada em Madrid, com «El Soldado», e então os levou a Lisboa o bom empresário Segurado. Ultimamente, com 45 anos e 50 colhidas, já não era o mesmo, mas permanecia valente, e sempre bom rapaz. Era nosso amigo e a sua morte em Portugal veio entristecer ainda mais a nossa estadia em Espanha, sem que possamos interessar-nos as corridas destes dias, ás quais não quizeramos assistir se delas não tivéssemos de dar conta aos leitores de «Stadium». Não se acabam as corridas, que não se acabaram quando morreu «Joselito» mas perderam interesse por algum tempo.

* * *

A recordação de «Manolete» paira sobre tudo, sobre todos. Muitos toureiros e aficionados põem a nda gravata preta, e o luto senta-se nas praças de touros, nas tertúlias, por toda a parte. Fotografias do grande toureiro e recordações suas ocupam montras ante as quais o público se detem saudosos. Todos os dias se publica um livro, um poema.

Dum estudante de 14 anos, Miguel Alvarez Morales, é este trecho duma ode inédita que dedicou a «Manolete»:

«Manolete, Manolete,
el del valor temerario,
el del estoque récio y firme,
el del arte estilizado,
el de la muleta mágica,
el torero de purgado,
conjunto de perfeccion
que vários siglos de en aio
en tu arte y en tu estilo
su enseñanza culminaron,
Acude ya a la otra vida



MANOLETE, NA SUA FINCA

que a otro mundo te han llamado,
que Lagartijo te espera,
que el Guerra te está esperando
Júlio Romero de Torres
anda por ti preguntando,
que en el puro azul del cielo
quiere pintar tu retrato,
la gama del arco iris,
será paleta en su mano!
y aqui te estan despidiendo,
tristes y ca i llorando.
el gran António Cañero,
Machaquito, el veterano,
la flor de la veteria
que en tu tierra se ha formado!
Tierra de toreros serios,
tierra de toreros machos.
Ay, Cordoba, que tristeza,
que a Manolete han matado.

Tens razão jovem poeta, que tristeza em Cordova e em toda a Espanha, e em Portugal mataram Manolete, que se deixou matar por pundonor.

Rogério Perez



Muitas vezes, Carnicerito cortava as bandarilhas que ficavam de palmo — e fazia o que se vê... Ei-lo, em 1939, na Póvoa do Varzim

Um despalnte de Carnicerito do México! Que audácia, e que valentia!

Carnicerito do México, em Vila Viçosa, no seu leito de morte

A França venceu os Campeonatos da Europa

Alex Jany bateu o recorde do Mundo dos 400 metros livres

Após nove anos de interregno, voltaram a disputar-se os campeonatos europeus de natação que, pela vez primeira, na história da modalidade, tiveram por cenário o «pequeno mundo» do principado de Mônaco.

Os nadadores do velho continente tiveram, assim, a sua primeira grande reunião, após o conflito que ensanguentou o mundo e afectou todos os sectores da actividade. Reunião que poder-se-á, em grande parte, considerar preparatória dos próximos Jogos Olímpicos, a disputar, como é sabido, no ano que vem, na brumosa e velha Albion.

Este torneio foi o sexto de uma série iniciada há vinte e um anos e que poderemos resumir do modo seguinte:

1926 — Budapeste (Hungria), concorreram 12 nações, triunfando a Alemanha, com 132 pontos, seguida da Suécia, 111 e da Hungria, 77.

1927 — Bolonha (Itália), a que concorreram também 12 nações, verificando-se nova vitória da Alemanha, 111 pontos, igualmente seguida da Suécia, 77, e da Hungria, 60.

1931 — Paris (França), verificando-se a inscrição de 14 nações e um magnífico triunfo da Hungria, 114 pontos, com a Alemanha, 92,5 e a França, 86, em lugares de honra.

1934 — Magdeburgo (Alemanha), com o concurso de 16 nações, e onde o valor da natação alemã esteve bem patente: Alemanha, 118 pontos; Hungria, 72 e França, 37.

1938 — Londres (Inglaterra), onde estiveram presentes representantes de 15 nações. A classe dos nadadores germânicos voltou, tal como em 1934, a estar em evidência. A pontuação final é eloquente: Alemanha, 145 pontos; Hungria, 59 e Grã-Bretanha, 44.

Excepcional conjunto de resultados

O torneio europeu de 1947 ficará assinalado pelo magnífico conjunto de resultados alcançados, a demonstrar eloquentemente que a natação do velho continente se prepara cuidadosamente para o maior certame desportivo. Não seria mesmo lógico esperar-se tanto dos representantes de países que, durante anos, tiveram interrompidas as suas actividades desportivas. Neste aspecto, a actuação dos extraordinários nadadores franceses merece relêvo especial.

Mas arquivemos, entretanto, a lista dos campeões da Europa:

100 metros livres — Alex Jany (França), 56 s, 6/10.

400 metros livres — Alex Jany (França), 4 m. 35, 2 s.

1.500 metros livres — George Mitro (Hungria), 19 m. 7,7 s.

200 metros brucos — Romain (Inglaterra), 2 m. 40, 1 s.

4 x 200 metros livres — Hungria, 9 m. 03,4 s.

A França, a grande vencedora destes campeonatos, dispôs presentemente — além de um conjunto magnífico — de dois nadadores de classe excepcional: Alex Jany e Georges Vallerey.

O primeiro foi, sem dúvida, a grande figura do torneio de Mônaco. Além de vencedor individual de duas provas de características diferentes — 100 e 400 metros livres — Jany realizou esta proeza que, por certo, não será facilmente repetida: na primeira daquelas provas apossou-se do recorde da Europa; na segunda, baixou para 4 m. 35, 2 s. o recorde do mundo que o americano Bill Smith detinha com a marca de 4 m. 38,5 s.

Vallerey é um extraordinário nadador de «costas», que impressionou o melhor possível e a quem a imprensa estrangeira tece os maiores elogios. A sua autoridade, na prova em que é especialista, foi absoluta. Venceu — e converteu. Não só se creditou na valorosa marca de 1 m. 7,7 s, como chegou bem destacado do segundo classificado, o húngaro Valent, que não foi além de 1 m. 10, 5 s.

Os húngaros Mitro e Franco Varos, marcaram boa superioridade

nos 1:500 metros livres, tendo o primeiro, sobretudo, impressionado excelentemente. A marca, com efeito, dentro da «casa» dos 19 minutos, é de muito mérito.

No excelente «tempo» de 2 m. 40, 2 s., o inglês Romain foi o vencedor da prova clássica de «brucos», com a nota curiosa de ter encontrado no húngaro Nemeth (2 m. 41, 6 s) um adversário valeroso que o fez empregar-se a fundo, dando, além disso, a prova emocionante expectativa.

E registre-se, ainda, nestes breves apontamentos, a excelente marca obtida pela equipa húngara na estafeta olímpica de 4x200 metros livres — 9 m. 03, 4 s., — que fica constituindo novo recorde europeu.

Mário Simas não foi feliz

Depois de termos inscrito, no torneio de Mônaco, uma equipa numerosa, resolveu-se, à última hora, que apenas Mário Simas se deslocasse.

Chegou na véspera das provas, a um meio completamente estranho, onde o ar que se respira parece ter influência, e sem o mí-

nimo de tempo para um mínimo de adaptação.

Nos 100 metros livres — onde apenas o «tempo» é de estranho — actuou dentro daquilo que seria lícito esperar-se, e foi eliminado. Apenas se pretende aqui acentuar que, certamente devido a falta de adaptação e de apuramento de «forma», Simas, não se apresentou no melhor da sua condição — o que é lamentável — e obteve peor «tempo» do que aquele que constitue recorde nacional e ibérico.

Em 100 metros-costas venceu, com brilho, a sua eliminatória — ainda que em peor «tempo» que o recorde nacional. Na final, seguia bem colocado até meio do percurso, altura em que se deu o inexplicável.

Com nove anos de competições internacionais, em que defrontou vitoriosamente alguns dos melhores valores da natação europeia, tendo corrido por diversas vezes no estrangeiro, Mário Simas não é um inexpiente.

E' de admitir, no entanto, que diversos factores tenham influido poderosamente no seu estado de espírito. Ele próprio confessa: «Tenho sentido desde que aqui cheguei, uma nítida falta de aclimação a este ambiente».

Mário Simas «falhou» na «viragem» — o que nunca lhe aconteceu em quinze anos de competições. Isso valeu-lhe a descida vertiginosa do 2.º para o 7.º posto, para uma posição indiscutivelmente em desacordo com a sua excepcional «classe». — A. T.

JOFRE DE CARVALHO

ganhou a «Travessia do Tejo»

Estamos perfeitamente à vontade para aplaudir às mãos ambas o critério seguido pela A. N. L., mantendo no seu calendário a bela, imprescindível e clássica travessia do Tejo. Justifica-se facilmente: durante anos, verberamos a falta de provas de rio. Hoje, que elas voltaram a figurar no calendário oficial, é justo e compreensível que as acarinemos. Sempre as julgamos necessárias, ou melhor, indispensáveis, ao progresso e expansão da natação lusitana. Não que sejam melhores ou piores que as provas realizadas nas piscinas. São diferentes. Têm características e finalidades diferentes. E é exactamente nessa diferença — profunda, aliás — que reside a sua grande virtude.

Provas de rio são, fundamentalmente, provas de propagação. E a de domingo último — no velho percurso da Trafaria a Pedrouços — não fugiu à regra.

Apesar da hora matinal, a largada dos trinta e cinco concorrentes foi presenciada por numeroso público, o mesmo se verificando à chegada, frente ao areal de Pedrouços. Durante o percurso, o colorido cortejo de embarcações deu ao rio um aspecto desusado. A travessia correspondeu, em absoluto, neste aspecto, aos seus primordiais objectivos.

Técnicamente, a prova de domingo último, reflectiu, como não podia deixar de ser, a nossa crise

actual de nadadores de fundo. Não, apenas, pelo facto de, com excelente manhã, terem desistido dez concorrentes, mas especialmente pelos «tempos» obtidos. Fracos, muito fracos mesmo, inclusivé o do vencedor. Jofre de Carvalho é um nadador dotado de excelentes qualidades físicas, resistente, com longa prática de corridas desta natureza — já em 1936, como principiante, foi o quarto da classificação geral — mas está, sem dúvida, longe da sua melhor «forma». O «tempo» de 43 m. 37 s., assim o demonstra claramente. Isto em nada apouca, no entanto, a justiça do seu triunfo. Jofre era, no domingo, indiscutivelmente, o grande favorito. E foi, também, em mérito absoluto, o grande vencedor. Aliás, a diferença que o separou do segundo classificado — o seu companheiro de clube, António, — é elucidativa: 2 m. e 57 s.

Manuel Pinhão, também alhandraense, obteve um surpreendente quarto lugar, após prova enérgica e corajosa. O Alhandra Sporting Clube, vencendo a prova por equipas, seniores, mantem, assim, na natação portuguesa, uma tradição que data de há uma década já. Ocorre-nos, no entanto, perguntar: porque deixou o Alhandra de comparecer às provas de campeonato e a outros festivais que, durante anos, valorizou e animou consideravelmente com a sua presença?

Outro vencedor de domingo: o Clube Naval de Sesimbra, pela sua vitória colectiva, na categoria de júniores. Bonita vitória. Bonita — e justa. O Naval de Sesimbra interessa-se sinceramente, pela modalidade. Já o ano passado o demonstrou exuberantemente ao organizar, com o patrocínio da F. P. N. a travessia da encantadora baía de Sesimbra. Oxalá que esta vitória de agora — obra de Primo Anacleto, Carlos Magalhães e Alfredo Filipe — os encoraje para prosseguirem na sua acção em favor da modalidade.

Igualmente digna de registo a presença dos representantes do Barreiros.

O Algués teve em Óscar Cabral o seu melhor representante. Mas da sua equipa, a figura mais em destaque foi Lucília Angeja, décima terceira da classificação geral, com uma prova que, até certo ponto, excedeu o que de melhor se poderia exigir.

Poucos foram os concorrentes que souberam adoptar o rumo mais conveniente. Alguns descaíram, por tanto, exageradamente para o Dafundo. Tal foi o caso da maioria dos assistentes, e da corajosa Maria Helena Lopes Mendes que não pôde, assim, fugir ao último posto. Mas tudo lá vai. Agora há que pensar, sómente, na travessia de 1948.

Há resposta para tudo...

P. 545 — O treinador Severiano Correia tem razão ao afirmar que tem por cá um Matthews? (Um elvense que vê direito).

R. 545 — Mas o treinador disse tal coisa? — Se o disse, lá terá as suas razões... É natural que um treinador aumente as qualidades dos seus pupilos e diminua os seus defeitos.

P. 546 — Li na sua magnífica Revista que o S. Lourenço de Almagro está em último lugar no Campeonato da Argentina. Penso que tal é o efeito da sua deslocação à Europa. Qual a sua opinião? (Um aficionado, de Braga, que gosta de ver bom futebol).

R. 546 — Talvez tenha razão. O jogador, por melhor que seja, deve ter o seu repouso em cada época.

P. 547 — O relvado do Estádio Nacional é melhor do que o relvado do Estádio José Alvalade? Como é o nome do sr. Veríssimo, médio-centro do Sporting de Lisboa? (De Hélder B. M. Gomes, de Abrantes).

R. 547 — Nem melhor nem peor; dizem-nos que é igual, com as mesmas sementes. O nome completo do jogador a que se refere é Veríssimo Martins Alves (Não percebemos o que desejava saber, ao formular a sua outra pergunta).

P. 548 — Por motivo de uma teima que tive com um colega meu, queria saber qual destes jogadores é o melhor: Francisco Ferreira, do Benfica, ou Serafim, do Belenenses? (De A. C., de Vila Nova de Famalicão).

R. 548 — Questões como esta são sempre difíceis de resolver. Dependem, porventura, da forma de observar os jogadores. Se abstrairmos de láticas e do conjunto, colocamos Francisco Ferreira em primeiro lugar. Mas admitimos que Serafim possa ser preferido, em dado momento, tendo em vista uma táctica preconcebida.

P. 549 — Ontem, quando recebi a Revista e passei os olhos pelas suas páginas, vi que devia existir um erro, pois o Sporting de Braga não é filial do Sporting, a não ser que esteja filiado há pouco. Não será assim? (De B. R., do Tramagal).

R. 549 — Tem inteira razão. Trata-se de um lapso. Os dois clubes mantêm as melhores relações, mas não há entre eles qualquer vínculo.

P. 550 — Já foi cedido terreno ao Sport Lisboa e Benfica para o seu novo campo de jogos, ou ainda não terminaram as negociações de aquele clube com a Câmara Municipal para o efeito? (De João Lopes Martins, de Arrancada do Vouga).

R. 551 — Repetimos o que outro dia dissemos: a direcção do Benfica não descura as referidas negociações e insiste quanto pode insistir. O problema do terreno está à beirinha de solução, mas parece-nos que a Direcção do clube só tornará público o caso quando puder anunciar a boa nova, oficialmente.

No Mundo da Bola

Do JORNALISTA DESCONHECIDO

CORRE QUE...

Não se conformando com o indeferimento, o Sport Lisboa e Benfica requereu ao sr. ministro da Educação Nacional a revisão do processo de transferência do jogador Rosário. A base principal a de que o Benfica cedeu o referido elemento ao Sport Lisboa e Elvas, em 1946, a título provisório.

♦♦ O avançado olhanense Cabrita foi convidado a jogar em Huelva, recebendo 200 000 pesetas pela transferência e 4.000 de ordenado mensal. Como os tempos mudam! O futebol espanhol vem agora reforçar-se em Portugal...

♦♦ Aldecoa, o magnífico interior de Bilbao que fez a sua carreira em Inglaterra, teria dito ao desportista Francisco Silva, antigo director do Sporting, que nunca jogara num terreno de relva tão bom!

♦♦ A Espanha só tem dois desafios internacionais assegurados: contra Portugal e contra Irlanda. Este último, oito dias depois da Irlanda visitar Portugal, isto é, a 30 de Maio.

♦♦ As últimas exhibições do Sporting provocaram certa agitação no meio leonino. Diz-se que o treinador não deve actuar livremente; que a guarda-rede não deve ser capitão; e outras coisas mais.

♦♦ O Marino, de Las Palmas, que ainda recentemente venceu o Real de Madrid, visitará a Madeira, a 4 de Outubro próximo, jogando nos Barceiros. Da caravana espanhola fazia parte o tenente-general Moscardó que não se deslocará por motivos de doença.

CONTA-GOTAS

Gastão não era, ao deslocar-se para o Porto, um jogador ignorado. Ainda na época transacta fora experimentado em treinos da equipa nacional, posto que sofrendo nessa altura os efeitos de uma lesão de joelho. Via-se, a olho nu, que era um elemento muito habilitado. Todavia, pelas referências que nos chegam é no Porto, e no lugar de médio-centro, que Gastão se revela abertamente — atraindo as atenções gerais.

Ao que parece, quiseram primeiramente fazer dele um avançado, mas depois optaram pela posição de médio-centro, e o rapaz deu excelente conta do recado, jogando com vivacidade e ligando o futebol — especialmente com a linha avançada.

Ha elementos que, de um momento para o outro dão um pulo enorme e conquistam definitivamente o seu lugar na primeira fila de jogadores. Para o seu bem pessoal e para o bem do F. C. do Porto, que gostamos de ver novamente uma grande equipa, desejamos que o simpático rapaz afirme e confirme a sua personalidade no futebol português.

O campo de Chamartin, do Real de Madrid, amplo e belo, com capacidade para 70.000 pessoas, será provavelmente inaugurado a 12 de Outubro.

Uma inovação curiosa: — Cada sócio, se quiser estar sentado, em qualquer desafio, terá de pagar duas pesetas. Se a moda pega em Portugal — temos revolta dos associados.

A fusão dos Clubes de Beja é um facto. Quase já caso velho! O Despertar não figura ainda no acórdão, pela necessidade do assunto ser resolvido em assembleia geral. Três clubes, o Luso, o Unido e o Pax-Júlia, estão na origem e na base da nova colectividade, — o Clube Desportivo de Beja.

É certo é que o novo clube dá sintomas da sua pujança. Mexe, agita-se, tem vida! Fazem-se reuniões com os jogadores e os treinadores, João Mata e Manuel Trincalhetas, há preleções teóricas, sessões práticas, etc.

A cidade de Beja tem agora o seu clube, e todas as forças convergem para o seu engrandecimento — mais possibilidades e meios aptos de acção!

Tavares da Silva e a Selecção Nacional

Convidado pelo sr. dr. Faço Viana, secretário geral da Federação, e em nome deste Organismo, para figurar numa Comissão de Preparação e Selecção, na qual já figuravam os srs. dr. Virgílio Paula e Martinho de Oliveira, o nosso prezado chefe de Redacção, Tavares da Silva, que se havia demittido do cargo de Seleccionador a uma quinzena antes de abrir a época, declinou o convite.

Tavares da Silva, antes do convite formal, e numa conversa havida com o sr. dr. Virgílio Paula, autor do Projecto actual de preparação que vai ser considerado pela Direcção Geral, já tinha dito que não podia trabalhar este ano na Selecção Nacional por três motivos: 1.º estado de espirito pouco propício à tarefa; 2.º intensos afazeres profissionais; 3.º não-concordância com vários pontos do referido Plano.

A violência no futebol

Em Espanha pretende-se, à viva força, acabar com as violências no jogo, banindo-se todos os jogadores que demonstrem maus instintos na prática intencional do jogo violento.

Assim, antes de abrir a época, o sr. dr. Muñoz Calero, nosso amigo, actual presidente da Federação Espanhola de Futebol, reuniu todos os árbitros que vão actuar na presente temporada e exortou-os a reprimir as violências e incorrecções nos campos de jogo. Depois disso, os árbitros ficaram reunidos para tratarem da unificação de critérios dentro das novas normas federativas.

Não sabemos o que irá acontecer em Espanha, mas estamos convencidos que o jogador violento, incorrecto e de maus instintos vai passar um mau pedaço no vizinho país.

Por cá, a época já abriu e logo se manifestou toda a espécie de incorrecções, as quais provocaram apenas um comunicado federativo, e mais nada. Cada árbitro dirige o jogo segundo o seu critério, e todos assistimos a violências nitidas e a futebol impuro — sem se buscar remédio para o mal. Poderá continuar isto? Chegará o comunicado da Federação?

NOTAS DO BENFICA-SPORTING

Os jogadores do Benfica atacam com decisão na fase brilhante de recuperação...



Enquanto Mário Rui e Travassos disputam a bola — Juvenal e Arsénio aguardam...



Vasques salta por cima de Francisco Ferreira para conquistar a bola e desenvolver o lance. Todos estão atentos ao golfe: Rogério, Peyroteo, Moreira... Da jogada aparentemente mais inofensiva nasce muitas vezes o golo. Mas esta é perigosíssima



BENFICA *travessa* 3-0 a favor do SPORTING

empate três-a-três



Travassos e Mário Rui saltaram ao mesmo tempo. Repare-se no esforço do laterolateral...



Mário Rui, que reapareceu conduz a bola, em bom getto



Arsénio ataca! Barrosa e Manuel Marques não têm tempo de intervir. A saída oportuna de Azevedo resolve o problema



Um molho de jogadores! Veríssimo, num grande esforço, defende, mas Azevedo captará a bola...

CHEGAMOS ao campo do Benfica um quarto de hora antes da hora marcada. Estava exposto o distrito de lotação exgotada.

Logo se acercou de nós um conhecido, e depois um amigo, no pedido de que conseguíssemos que eles entrassem de qualquer forma...

Foi a única vez que tivemos pena de não ser gente importante na bola. Ah! A cara triste de aqueles doentes...

SUGERE-NOS um sporting que a derrota do seu clube em frente do B-lenenses estava na base do triunfo que os *l.ões* conquistariam, de aí a pouco...

E o homem quase que tinha razão!

ARSÉNIO, o fulgurante jogador quando em boa disposição, é o primeiro a entrar em campo com a bola na mão.

O interior do Benfica parece afirmar desta forma categórica que se encontra em disposição de bom jogo. Arsénio cumpriu fielmente a sua promessa.

LOGO de início, após um tento puro do Sporting, o Benfica respondeu com um *goal-afside*.

Chama-se assim aos pontos que o árbitro não valida e que os adeptos discutem...

OS 28 minutos, uma escaramuça entre Canário e Corona acaba com a expulsão dos dois elementos. O árbitro quis provar, e conseguiu o seu intento, que também se pode fazer bom futebol com dez elementos de cada lado.

A terapêutica da expulsão deu benéficos resultados, visto o jogo ter decorrido de maneira absolutamente limpa.

COMO sempre, várias bolas embateram na trave.

Que *azar!*, barafustaram os do partido que atacava!

Azar tivemos nós, pensaram os do partido que defendia. Se a bola passasse um pouco mais alta, já não chegaria a assustar-nos!

A rapidez de um ataque deve corresponder a antecipação da defesa. Quem está de fora vê muito melhor como se deve atacar e como se deve defender. Portanto, raramente se mostra contente com o que se faz em campo.

Ao passar para a linha da frente, Francisco Ferreira impôs a sua vontade e energia.

Impôs-se ao seu grupo, arrancando os jogadores para o ataque, e impôs-se ao inimigo, (o que é mais extraordinário!), desbaratando a sua defesa.

Um juiz de linha, Abel Macedo Pires, é o que se chama um excelente cavaqueador. Passa o tempo a conversar com o público...

T. S.

MOSAICOS

nortenhos...

O jogo violento criou fundas raízes. Há grupos que, por jogarem menos, em relação ao adversário, procuram por todos os meios ao seu alcance *travar* a passagem dos jogadores, *agredindo* de todas as formas e feitios.

Assim não está certo. Não custa reconhecer a superioridade alheia, assim como não custa, evidentemente, jogar com exemplar correção.

Mas toda a culpa cabe sem dúvida a vários juizes de campo. Deixam fazer aquilo que o jogador mal intencionado quiser, não reprimem as cargas mais disparatadas e... quando marcam alguns castigos é para castigar o inocente.

Porque há jogadores capazes de fazer o «mal e a caramunha».

Bem andou a Federação em anunciar castigos. No entanto, — é preciso observar bem as culpas de cada um. Que os árbitros, quando pouco competentes ou quando gostam do jogo feio, também são muito responsáveis por certas atitudes aborrecidas.

Alguns colegas causticam a direcção técnica dos encarregados de acompanhar a equipa de ciclismo do F. C. do Porto durante a «Volta a Portugal».

Nem tanto ao mar... Isto de dirigir não é tão fácil como se julga. É preciso andar por lá para discutir um pouco mais cuidadosamente.

Moreira é o ciclista mais popular do Norte. É certo. Certíssimo. Não se esqueça, porém, a influência do F. C. do Porto neste caso. No fundo, a popularidade do primeiro clube do Norte concorre abertamente para o prestígio do valoroso campeão.

Poderemos ver isso noutra altura. Uma questão de esperar...

Fernando M. Sá, o mais novo ciclista da Volta, campeão nacional de amadores-seniores, começou no ano actual: foi popular, principiante, junior, senior e independente.

Tudo na mesma época. Na «Volta a Portugal», Fernando Moreira de Sá portou-se valorosamente, como se sabe, e talvez o F. C. do Porto possua ali um praticante da melhor categoria.

Oxalá.

DOIS CASOS

Mangas abaixo...

Reparámos, há umas semanas, numa feliz e excelente crónica publicada nesta Revista e vinda de Londres. Observava Fernando Mendes, o autor, que os técnicos ingleses põem especiais cuidados nas equipas dos seus jogadores.

Pois bem depressa tivemos de verificar um facto curioso: — no decurso do jogo Porto-Leixões, todos ou quase todos os jogadores do primeiro clube passaram o desafio a... arregaçar as mangas! Volta, meia volta, lá andava um azul branco preocupado com a camisola, que lhe cobria os dedos e o embaraçava terrivelmente.

Ora, — e esta verdade reconhece por certo a zelosa Direcção dos campeões, — o F. C. do Porto soube sempre equipar bem os seus jogadores. Ouvimos sempre boas referências à maneira como o F. C. do Porto se apresentava no terreno. Parece não suceder assim no actual momento, e por isso gritamos: «mangas abaixo...» Mangas abaixo e, se for possível, umas meias que «digam» mais alguma coisa.

A crítica talvez não tenha o dever de consurar estas pequenas coisas. Porém, com tudo que gira em volta dos campos pode merecer naturais observações, esta de dizer aos leitores que os componentes da equipa de honra do F. C. do Porto passaram 90 minutos a arregaçar «mangas desfeitas», tem certa oportunidade.

O mal, segundo parece, não é só visível dentro do F. C. do Porto. Muitos grupos nacionais usam mangas compridas — mangas que os jogadores enrolam sempre até ao colvelo. Para quê? Os clubes poupariam dinheiro, mandando fazer camisolas de meia manga; e o jogador não se via obrigado a uma atenção constante, vigiando sempre os caprichos de uma camisola irreverente!

Este problema, em boa verdade, não está bem visto no nosso país. O público gosta de ver um grupo bem equipado. Não é luxo que se exige. Mas decência, comodidade. Julgamos, portanto, que o F. C. do Porto aliviará os seus jogadores de um cuidado permanente — se lhes der camisolas de meia manga. E se nos permitem uma lembrança ainda: — aquelas meias já não se usam...

Medicina Desportiva

Os portuenses admiradores do futebol vão pagar mais 50 centavos por bilhete, segundo comunicado da Federação. Destina-se essa importância à montagem do centro de Medicina Desportiva. Pois muito bem: — absolutamente de acordo.

A cidade do Porto, a exemplo do que já acontece em Lisboa, precisa de montar o Centro de Medicina. Há atletas, dentro e fora do futebol, que são fisicamente fracos, pelo menos na aparência, mas continuam a jogar. Alguns até se lhe reconhecem varizes de certo volume...

Assim, todos os desportistas devem aceitar de bom grado a intervenção dos altos dirigentes no sentido de seleccionarem cuidadosamente os rapazes que praticam desporto.

Não queremos dizer que os médicos distintos que até aqui tem visto os jogadores de futebol não hojam olhado para estes assuntos com muita dedicação e competência. Pois com certeza.

Todavia, fora do futebol talvez seja preciso rever cuidadosamente o estado físico de muitos praticantes. Por enquanto tudo tem caminhado ao sabor de conveniências, algumas bem interessantes se quiséssemos bater a fundo em tal questão. Acreditamos, deste modo, nos benéficos efeitos de Centro de Medicina Desportiva, embora isso custe \$50 a cada um dos espectadores que tenha a paixão do futebol.

Diz-nos pessoa de influência no clube azul branco que os melhores ciclistas da colectividade vão ser submetidos a uma preparação cuidada, a fim de enfrentarem a próxima Volta dentro das melhores possibilidades.

Assim, o F. C. P. procurará apresentar os seus corredores numa prova (pelo menos) a realizar em Espanha. Julgamos que faz bem. O F. C. do Porto precisa ainda de Aniceto Bruno — treinador e não de Aniceto Bruno — corredor. O dedicado mestre dos ciclistas do F. C. do Porto pode muito bem dirigir definitivamente os seus pupilos, e diga-se que alguns prometem categorizar-se.

Vários camaradas, nas suas primeiras críticas ao trabalho de alguns novos jogadores do F. C. do Porto duvidaram do seu valor.

Nós gostámos e dissemo-lo imediatamente. O tempo falará por nós.

Dois jogadores, do melhor do Porto, ainda não apareceram nas equipas onde alinham: — Caseiro, do Leixões, e Pacheco, do Académico.

Fazem falta aos seus clubes e ao futebol português. Mas as ofertas foram grandes, tentadoras, e os dois valorosos jogadores estão ainda perturbados. Se ainda não jogaram, nesta altura, acreditamos em que venham a ingressar breve nas suas equipas.

A época, verdadeiramente, mal principiou...

Estão marcados para o Campo da Constituição dois jogos. Até parece impossível mas é verdade. O Campo da Constituição ainda serve para isto...

Cesar, o excelente jogador irmão de Pina, que jogou uns tempos em Coimbra, voltou ao seu clube de origem: — o Vasco da Gama do basquetebol.

O rapaz foi sempre dedicado à sua colectividade, e apenas em certo período mau da sua vida escolheu Coimbra para residência. Mas voltou alegremente e alegremente foi recebido pelos seus antigos camaradas — sua família!

Foi prestada homenagem ao ciclista Dias dos Santos, que tem representado o F. C. do Porto. A homenagem foi-lhe tributada na sua terra natal, por um grupo de amigos e de conterrâneos, que por certo apreciaram sjuizadamente as boas qualidades de desportista reveladas pelo simpático rapaz.

Dias dos Santos, nascido em Gondomar, é um elemento que tem servido dedicadamente o primeiro clube do Porto, e nas suas conversas ou entrevistas com a gente dos jornais nunca deixou transparecer petulâncias de qualquer natureza.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Ao cabo de três semanas de existência, a presente época já não regista, dos oitenta e oito clubes inscritos na Liga Inglesa, um só cuja lista de vitórias seja absoluta.

O Arsenal, na 1.ª Divisão, e o Bradford, na 2.ª, gosaram desse privilégio mas o primeiro consentiu um empate meritório, fora de casa, e o último, em circunstâncias semelhantes, levou 3-1, do Tottenham Hotspurs. Desta maneira, restam sem derrotas, além do Arsenal, o West Bromwich Albion, da segunda, e os Queens Park e Bournemouth, da 3.ª Divisão.

Apesar do tempo chuvoso, os terrenos não absorveram a água necessária para o amolecimento do piso. A lista dos jogadores lesionados aumentou necessariamente e o de maior gravidade parece ser Fred Steele, avançado-centro do Stoke City, que baixou ao hospital com fractura na tibia.

Tirante os resultados volumosos registados na 3.ª Divisão, entre o Rotherham United e Carlisle (7-2), zona Norte, e do Ipswich Town contra Norwich (5-1), na zona Sul, tudo o mais não passou de empates e de vitórias magras, especialmente na 1.ª Divisão.

Arsenal, arancando o empate, sem tentos, a Preston N. End, para mais com um grupo remediado, realizou apreciável façanha. Blackpool, que lhe segue na esteira da classificação conseguiu ganhar ao Aston Villa pela diferença mínima, é claro.

Os Wolves bateram o Derby Country, por 1-0. Foi um duelo entre o melhor quinteto atacante e uma boa defesa.

A classificação actual na 1.ª Divisão da Liga, ficou estabelecida do modo seguinte:

Arsenal, 13 pontos; Blackpool, 11 pts.; Preston, 11 pts.; Wolves, 9 pts.; Burnley, 9 pts. — todos com 7 jogos.

Na 2.ª Divisão, a ordem dos clubes, trás à cabeça o Bradford, e o West Bromwich, com 12 pts.; seguidos pelos Birmingham e Leeds, ambos com 10 pts.

Na 3.ª Divisão (Sul), o Queens Park vai na frente com 13 pts., levando o Bournemouth à ilharga, com 12 pts., e na zona Norte, Wrexham, York e Accrington, disputam os primeiros lugares.

Uma rectificação: por lapso de datas fizemos referência no nosso último número ao encontro entre a selecção inglesa e a belga, como sendo no dia 13 do corrente. O match realizou-se mas foi a 20 de Setembro, em Bruxelas, no Estádio de Heysel, cuja lotação de 80.000 pessoas se encontrava completamente esgotada.

A equipa belga, que na época finda conseguiu vencer a Escócia por 2-1, apresentou a mesma composição, apenas com duas ou três substituições em toda a linha.

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

Stadium

A VIDA DESPORTIVA DO MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Produziram-se em Monte-Carlo dois acontecimentos distintos e lamentáveis, durante os campeonatos da Europa de natação. O primeiro devidamente explorado pelos jornais de grande tiragem, consistiu na morte da nadadora inglesa Nancy Riach, membro da equipa britânica, cujo falecimento se atribui—segundo informações publicadas à última hora e que modificaram o primitivo diagnóstico — a uma forma da doença do sono, conhecida sob o nome de «gripe encefalítica».

A infeliz rapariga era detentora de todos os records ingleses, desde as 100 às 500 jardas, e uma das esperanças concorrentes aos Jogos Olímpicos de 1948.

Profundamente ferida com o rude golpe que o Destino lhe reservara, a equipa nacional britânica pensou em desistir de figurar no torneio mas o seu desportivismo foi superior aos sentimentos em transe. Prosseguiu na disputa das provas, dando um belo exemplo de firmeza na adversidade.

Outranto não sucede com quatro países da Europa, pobres satélites de uma grande potência oriental e asiática: a Sudeslavia, a Hungria, a Bulgária e a Checoslováquia.

Os representantes destas nações enviaram uma nota colectiva à Federação Internacional de Natação, anunciando que deixam de pertencer ao número dos seus filiados desde o último dia de provas do referido Campeonato da Europa.

Ignoram-se os motivos que levaram os quatro países a demitir-se do seio da comunidade onde figuraram, e nenhuma explicação se ofereceu para justificar a insolita atitude dos mesmos.

O que se sabe, e isto de fonte lúmpa, é tratar-se de mais uma manobra, das várias que essa grande potência militar traz premeditadas, para enfraquecer — em todos os campos, actividades e latitudes — a obra de cooperação internacional encetada há alguns anos.

No desporto não existe lugar para credos religiosos ou políticos, para ódios raciais e quejandos. Isto, em última análise, parece ser um princípio «burguês» e, por conseguinte, abominável para os campeões do igualitarismo.

Rafael Barradas

ATLETISMO

O «match» França-Finlandia

Em Helsínquia, Finlândia, defrontaram-se as duas equipas nacionais de atletismo, finlandesa e francesa, cabendo a vitória aos primeiros por 78 a 62 pontos.

A superioridade dos atletas finlandeses nos concursos decidiu francamente a vitória em seu be-

nefício mas a grande figura do torneio foi o meio-fundista, Hansenne (França) que venceu as provas de 800 e 1.500 metros. Outra proeza digna de nota foi a corrida de Jean Vernier, segundo classificado na légua, com 14 m. 45,2 s., e que pode atacar o velho recorde de Jean Bouin. Eis os resultados mais importantes do match:

100 metros — Bally (França) em 11,1 s.; 400 metros — Sigorney (França) em 49,2 s.; 800 metros — Hansenne (França) em 1 m. 50,8 s.; 1.500 metros — Hansenne (Fr.) em 3 m. 57,4 s.; 5.000 metros — Peralas (Fin.) em 14 m. 36,2 segundos.

Salto em altura — Nicklen (Fin.) com 1,º 93; salto em comprimento — Valmy (Fr.) com 7,º 15; salto à vara — Katalja (Fin.) com 4 metros; lançamento do peso — Lehtila (Fin.) com 15,º 33; lançamento do disco — Huntoniemi (Fin.) com 47,º 48; lançamento do dardo — Hyytiäinen (Fin.) com 69,º 64. 110 metros barreiras — Suvinuo (Fin.) em 14,9 s. E-tafetas (100 x 200 x 300 x 400) — França, com 1 m. 56,1 s.

BOXE

José Valdés dominou Molina

O campeão de Espanha da categoria «leves» combateu contra Molina e alcançou merecido triunfo pontual após dez assaltos.

NA AUSTRALIA

Vic Patrick, campeão australiano dos «leves», ganhou por K. O. ao 12.º assalto a Fred Dawson, pretendente ao título da referida categoria.

HIPISMO

«Sayajirao» ganha o St. Leger

A última grande corrida, clássica, da época, o St. Leger, produziu grande expectativa e muito entusiasmo. Coube ao poldro do Mobarraja de Baroda, «Sayajirao», a almejada vitória, por uma cabeça! Até ao último minuto a prova esteve indecisa, entre o vencedor e o cavalo «Arbar» do francês M. Boussac.

Em terceiro lugar, a três comprimentos, chegou Migoli, da coudelaria de Aga Khan, montado por Gordon Richards, e que era o favorito da corrida.

NATAÇÃO

A Itália derrotou a Espanha

A pesar do bom comportamento da equipa espanhola, nas piscinas de Chiavari (Génova), os italianos bateram os nossos vizinhos amplamente. Das cinco provas disputadas, quatro couberam aos italianos e o seu triunfo por pontos cifrou-se em 93 pontos contra 54.

Principais resultados: 100 metros (livres), Costa (I) em 1 m. 1,3 s.; 400 metros (livres): Paulon (I) em 5 m. 6,4 s.; 1.500 metros (livres): Paulon (I) em 21 m. 8 s.; estafetas 4 x 100 (livres): Itália 9 m. 34,2 s.; 100 metros (costas): Calamita (E), em 1 m. 12,2 s.

Em polo aquático a Itália venceu a Espanha por 9 a 2.

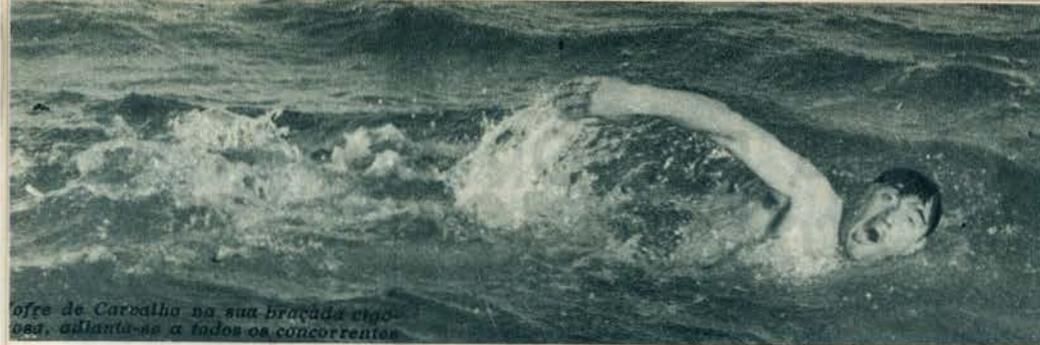
O nadador Ferry, embora batido, conseguiu melhorar os records espanhóis.

Novo recorde mundial dos 100 metros (livres)

O corpulento e jovem nadador francês Alexandre Jany culminou os brilhantes triunfos realizados durante os campeonatos europeus de Monte-Carlo ao bater o recorde mundial dos 100 metros (estilo livre).

O ensaio, devidamente cronometrado, efectuou-se em Menton e Jany concluiu a tentativa com êxito, fazendo 55,8 segundos.

O antigo recorde pertencia ao americano Alan Ford, desde 13 de Abril de 1944, e era de mais um décimo de segundo que o actual.



Jofre de Carvalho na sua braçada vigorosa, afianta-se a todos os concorrentes.

A TRAVESSIA do TEJO



Jofre de Carvalho, António de Carvalho (os dois do Alhandro), e Oscar Cabral (do Algés e Dafundo), os três primeiros da classificação



Fotos JORGE GARCIA

O grupo dos concorrentes à Travesia do Tejo, no percurso Trafaria - Pedrouços, levado a cabo no passado Domingo



Em cima — Lucilla Angeja, nadadora do Algés e Dafundo, que fez uma prova brilhantíssima. Ao lado — Um trecho geral da bela prova de natação, que, pela sua propaganda, serve o desporto!



O Benfica e Sporting, duas forças do futebol, também são as duas grandes forças do atletismo de Lisboa. Quase todos os domingos, os dois clubes organizam torneios, que são em geral muito concorridos. Publicamos os grupos, em cima do Sporting e em baixo do Benfica, que tomaram parte nas provas efectuadas no domingo passado. A modalidade deve aos dois clubes inestimáveis serviços, e esta espécie de Torneios serve o atletismo português.



O Belenenses cultiva a memória dos seus mortos queridos, tendo visitado no passado domingo as suas campas no Cemitério da Ajuda. O sr. dr. Octávio de Brito

recordou saudosamente a figura de todos eles.



ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

APRESENTA:

LAYLA et DI MARCO

HERMANAS APARICIO

Mary-Mely ★ Atlantida ★ Litaz-Anhel ★ Assumpcion de Albeni-Mabel Valencia ★ Inez Gimenez Rosita Arenas

Abertura às 22 h. — Encerramento às 3 h/2. Exibição de Variedades às 24 1/2 e às 2 h.



N.º 1.º F. da Guarda, am dos seus grapos subiu à 2.ª Divisão Nacional: o Atlético Clube Egitanense, da sede do distrito. Foi a primeira vez que o Egitanense se representou na prova, mas conseguiu deixar a melhor impressão

Stadium na Província



Em Viseu uma colectividade popular, como o seu nome indica: o Lucas Clube Atlético. Eis o seu grupo: Earico, Martins, Fortunato, Povoas e Soares — da esquerda para a direita. No segundo plano, pela mesma ordem: Agasto Lopes, treinador, Adolfo, Justino, Varandas, Queiroz, Abrea e Fernando



O Amora F. C., da Associação de Futebol de Setúbal, tem o seu cartel. Concorreu também ao Campeonato Nacional da 2.ª Divisão e obteve alguns resultados curiosos. A equipa: De pé, da esquerda para a direita — Bordonhcs, Kaal, Oswaldo, Tiago, Correia e Diamantino; em baixo, pela mesma ordem — Fernandinho, Rocha, Pequeno, Artar e Manoel Gonçalves



Esta equipa que o ano passado representou o Salgueiros no campeonato nacional da 2.ª Divisão não pôde conseguir resultados de categoria. O velho e popular clube portense, porém, não desanimou e saberá reagir, no futuro, de acordo com as suas tradições honrosas



O Clube Desportivo do Candal, de Vila Nova de Gaia, vizinho da cidade capital do Norte, pratica basquetebol com muito entusiasmo. Apresentamos aos leitores a sua equipa representativa, bem como o treinador, que espera conduzir os seus papilos a um lugar honroso



Nos Açores há bons grapos e bons elementos. O Continente já recebe dali atletas de boa categoria, alguns alinhando nos melhores grupos nacionais. Exemplos: Edoardo Santos, na Académica de Coimbra; Joaquim Teixeira, no Vitória de Guimarães; Angelo Faria, no Futebol Clube do Porto. Estes — os mais notáveis. Pois sabemos que ainda existem nos Açores outros rapazes de excelente valor. Eis, igualmente uma das suas equipas mais prósperas: — o Sport Clube Tipográfico. Valorizado pela permanência de rapazes novos, dispostos a corresponder, não nos surpreenderá o seu progresso entre açoreanos dedicados

O Sonho do Lisboaeta...

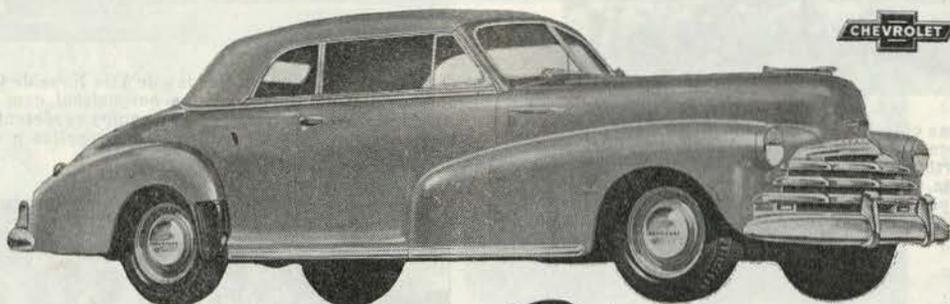


... Acredite que a casinha nos arredores é, realmente, o ideal. Com uma renda mais barata, estou independente, tenho jardim para os pequenos, vida mais saudável...

— Sob esse aspecto tens razão, mas as dificuldades de transporte são tremendas!

— Faz como eu: compra um carro. Inscreve-te na SOREL porque estão a chegar «Chevrolets». Recomendo-te a marca por experiência própria. É o carro prático, resistente, de pouco consumo, de preço

acessível, mas que tem, afinal, o conforto, a linha, e as qualidades mecânicas que só se encontram em automóveis muito caros e no Chevrolet.



PODE SER UMA Realidade!

EXPOSIÇÃO E VENDA

SOREL

L I M I T A D A

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-E, 23-F

TEL. 4 1113



TEL. 6 2755



Atlét. de Bilbao, 3 - Sporting de Braga, 2

Os dois grupos antes de começar o encontro

Fotos BENIGNO CRUZ



Os jogadores de Bilbao e do Sporting de Braga em saudação

O Sporting Clube de Braga lançou-se numa rasgada incliativa, conseguindo organizar um desafio de caracter internacional no seu campo. Pônhase em destaque a sua atitude, apesar do público não corresponder como devia. O famoso Atlético de Bilbao disputou em Braga uma excelente partida — porque encontrou um adversário à altura do seu futebol!

O primeiro tempo acabou com um empate, golo de Frederico, aos dois minutos, e de Irarragori, aos 12, mas, verdadeiramente, os bracarense suplantaram o adversário, mercê da energia e entusiasmo, de velocidade e ainda das suas regulares e metódicas combinações na base do jogo rasteiro.

Na segunda parte, tendo ne-

cessariamente abrandado o ritmo de velocidade por parte dos portugueses, os espanhóis fugiram ao futebol a um palmo de terreno e começaram a levantar a bola; levando a melhor no corpo-a-corpo e infiltrando-se pelo campo de Braga, Bilbao e o mesmo Irarragori marcaram a segunda e a terceira bola, e já quase no acabar conseguiu Mário reduzir a diferença — fixando o resultado em 2-3.

O maior elogio que pode fazer-se aos jogadores de Braga é afirmar que os bilbainhos, querendo vencer tiveram de forçar o jogo e fazer o seu máximo. Logo que implantada a fórmula do *jogo por alto* e quebrada a rapidez dos portugueses, os componentes do Atlético de Bilbao impuzeram-se.

Alinharam, sob a arbitragem de Vieira da Costa, no Sporting de Braga: Salvador, Palmeiro, Sobral (o melhor jogador em campo), Daniel, Marques, Silva, Nelito, Eloi, Mario Diamantino e Frederico.

A. de Bilbao — Mollinuevo, Fernandez, Oveja, José Luiz, Bertol, Nando, Bilbao, Panizo, Zarra, Irarragori e Aldecóa.



4

TAÇA DO MINHO



A Taça do Minho, dada a existência de grupos de categoria, interessa muito.

Em cima, no encontro Fafe-Sporting de Braga, ganhou por este por 3-1, Frederico tenta o remate.

Ao lado, uma defesa do guarda-redes de Fafe.



"Taça de Honra"

no

PORTO



3



2

1 — No Boavista-Leça, saindo este derrotado por 5-2, uma defesa do guarda-redes do Leça. 2 — O Leixões bateu o Académico por 4-3; uma defesa do guarda-redes do Leixões. 3 — Porto venceu Salgueiros por 9-0. Um lance de ataque na grande área do Salgueiros

NOTAS DISPERSAS

sobre o Concurso de Cascais

O hipódromo da Gandarinha foi durante nove dias cenário de magníficas provas, enquadradas num programa valioso, ao qual já fizemos referência, e que atraiu a Cascais todos os verdadeiros adeptos do nosso desporto equestre.

Uma vez publicadas as notas de reportagem do curioso certame, restam-nos alguns breves apontamentos, colhidos durante a realização das provas e uns simples comentários finais, elaborados já depois de findo o Concurso, mas que nos parecem oportunos e indispensáveis.

De resto nunca é demais, a nosso ver, pôr em evidência as organizações que, como esta, marcaram um lugar de destaque no desporto nacional.

O VII Concurso Hípico de Cascais, esmerada organização da Sociedade de Propaganda sob a orientação competente do nosso amigo Manuel Possolo, alcançou o êxito que se previra antecipadamente. Foi brilhante e grandioso.

Vimos dentro da pista os mais refulgentes valores do nosso hipismo, com um elevadíssimo número de cavalheiros internacionais e com quatro olímpicos, o que dispensa comentários. Lá esteve também o melhor e mais completo grupo de montadas de que dispomos actualmente, incluindo as cinco recentemente compradas que, diga-se de passagem, estão ainda longe da fama de que vieram precedidas e que o seu elevado preço amplamente justificava.

Parecem-nos cavalos de categoria mas ainda a necessitarem muito trabalho.

Do já nossos conhecidos houve alguns que nos surpreenderam e entre eles «Ebro» que o Marquês do Funchal apresentou em magnífica forma, como nunca o vi-

ramos; «Copaleen Rua», um irlandês debutando em Sintra que em Cascais ganhou duas provas conduzido por Pimenta de Castro; «Abandonado», que Travassos Lopes montou muito bem; e «Académico», que parecia outro conduzido por Fernando Pais. A troca destes dois cavalos beneficiou ambos os concurrentes.

Dos consagrados, daqueles considerados «ases», esperavamos mais de «Vouga» e de «Bajones». Entusiasmaram-nos «Zuário», «Raso», «Alcoa», «Tele», «Congos», «Gasa» e «Optos», embora que alguns deles lutassem com infelicidade e não lograssem as classificações que mereciam.

Dos cavaleiros, Henrique Calado e Correia Barreto, o primeiro com três cavalos e o segundo com dois, lograram II classificações, com vantagem no entanto para Henrique Calado que alcançou três vitórias contra uma de Barreto.

Entre as vitórias brilhantes citem-se as de «Ebro», com o Marquês do Funchal, e a de «Congos», com Reimão Nogueira, respectivamente no «Grande Prémio» e «Taça Marechal Carmona», sem todavia se esquecer a de «Zuário» na «Omnium» e a de «Raso» na «Caça», conduzidos por Calado e Barreto.

José Carvalhosa, um nome brilhante do nosso hipismo esteve infeliz. Um acidente no decorrer de uma das provas afastou-o alguns dias; no entanto, quando regressou foi o excelente cavaleiro de sempre. Helder Martins apareceu pouco mas sempre bem.

O hipódromo ofereceu bom aspecto e os percursos, menos complicados que os do ano anterior, estavam longe de ser fáceis.

Os concursos como o de Cascais deixam saudades. E servem bem o desporto nacional.

Animais desportistas

A humanidade acolhe com admiração cada nova proeza atlética e pergunta-se até onde chegarão, graças aos progressos de técnica e da preparação física, as possibilidades humanas.

No entanto, os recordes atléticos humanos não passam de modestíssimos feitos se os compararmos com os resultados obtidos por alguns animais que a natureza dotou com recursos de excepção desportistas.

A gazela, para primeiro exemplo, parece ser o mais rápido animal da criação, no capítulo da corrida: os caçadores de uma expedição americana perseguiram, na região desértica do Gobi, utilizando automóvel, um destes animais; durante uma quinzena de quilómetros o carro

chegou a atingir a velocidade horária de 95 quilómetros e a gazela ultrapassava-o. O animal abandonou depois o andamento para 40 quilómetros aproximadamente, mantendo esta média durante mais uma dúzia de quilómetros, escapando-se então porque o automóvel teve uma avaria mecânica.

O recorde da gazela fica, porém, a perder de vista ao lado da velocidade de voo de certas aves.

Um pombo desloca-se facilmente à média de cem quilómetros por hora. Alguns aviadores têm encontrado, nas elevadas altitudes, águas que seguem sem esforço o aparelho lançado a 150 quilómetros; e andarinha, de essas compridas e delgadas, corpo afilado de perfil aerodi-

FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Famalca produz magníficos resultados.

A farinha Famalca é amilácea, mallosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Famalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diatéctica da Fábrica de Chocolates Favorita

OQUEI EM PATINS

(Continuação da pág. 6)

(0+1=1). Os primeiros números entre dizem respeito aos jogos por Lisboa ou pelo Porto; os do meio aos encontros pelo Sul ou Norte; e os últimos constituem a totalidade. Neste breve mas suficiente explicativo enunciado apenas se mencionam os jogadores efectivos.

A turma sudista (ou de Lisboa e arredores: como queiram!) disputou até à data quinze partidas, somente conhecendo a derrota duas vezes, ambas «fora-de-casa»: uma em 1945, no Porto, no II Norte-Sul, por um golo de di-

ferença (5-6); outra em Abril do ano corrente, em Montreux, na Suíça, contra os ingleses de Herne Bay, por dois golos de vantagem (3-5) mas com a satisfação suprema da primeira vitória em torneio internacional! Nas restantes partidas — à parte o empate de 1-1, em 1939, com os italianos de Trieste — obtiveram sempre o triunfo: onze — com 92 golos contra 19. Média excelente e confirmativa da sua supremacia. Como complemento, necessário para a «história» do «quei», publica-se o quadro completo de resultados das competições inter-regionais (incluindo o Porto) — que é o seguinte:

O.	DATAS	JOGOS	Ret.	LOCAIS
1	26-8-39	I Porto-Trieste	3-11	Porto
2	27-8-39	II Porto-Trieste	2-6	Póvoa de Varzim
3	4-9-30	I Lisboa-Trieste	1-1	Lisboa
4	1-8-41	I Porto-Lisboa	2-5	Lisboa
5	3-8-41	II Porto-Lisboa	2-6	Espinho
6	19-9-42	III Porto-Lisboa	2-10	Cascais
7	24-10-42	IV Porto-Lisboa	1-14	Porto
8	18-8-45	I Norte-Sul	4-7	St.º A. de Oeiras
9	29-8-45	I Lisboa-Montreux	5 0	Cascais
10	7-9-45	I Porto-Montreux	4-3	Porto
11	15-9-45	II Norte-Sul	6-5	Porto (*)
12	3-4-47	I Lisboa-Herne Bay	3-5	Montreux (**)
13	4-4-47 (dia)	I Lisboa-Barcelona	6-3	Montreux (**)
14	4-4-47 (noite)	I Lisboa-Antuerpia	11-0	Montreux (**)
15	5-4-47 (dia)	I Lisboa-Lião	11-2	Montreux (**)
16	5-4-47 (noite)	I Lisboa-Monza	4-1	Montreux (**)
17	6-4-47	II Lisboa-Montreux	7-1	Montreux (**)
18	26-7-47	III Norte-Sul	1-6	Porto

(*) — Derrotas de Lisboa... ou Sul.

(**) — Torneio internacional com classificação colectiva.

nâmico, excede os 200 quilómetros.

Segundo as observações de certos naturalistas o pássaro mais rápido é, porém, o gaibão, que chega a percorrer, lançado, 88 metros por segundo, o que representa 316 quilómetros por hora.

Passemos agora a outras especialidades atléticas: a palga consegue dar palos de meio metro de altura, o que parecerá insignificante; comparando, porém, estes cinquenta centímetros com os milímetros que aquele animal mede de «estatura», a proporção toma o seu valor. Para ser equiparável à palga em elasticidade muscular, o homem, levando em conta o seu

peso e estatura, devia saltar mais de 20.000 metros!

Um papageio pesando 134 gramas pode levantar com o bico uma galinha com mais de 3 quilos. Proporcionalmente, um homem de 80 quilos devia segurar entre os dentes, peso aproximado a duas toneladas.

A força de tracção de um escaravelho é relativamente 21 vezes superior à do cavalo, e o da abelha 30 vezes.

Para abrir a pinça de um caranguejo é necessário um esforço trinta vezes superior ao peso do animal, se o homem tivesse igual força na mão levaria a galinha do dinamómetro até 2.500 quilos, em vez dos 50, que são a média asnal.

Comentarios

Tolerância disciplinar

A Federação de Futebol chama, num recente comunicado, a atenção das autoridades subordinadas para os exageros de dureza e reprováveis actos de comportamento violento, verificados com intolerável frequência nos jogos já disputados esta época.

Parece indicar esta nota federativa que voltamos anos atrás, à exteriorização, pelos jogadores, de uma mentalidade pouco consentânea com os preceitos morais do espírito desportivo, à qual uma rigorosa acção disciplinar conseguira pôr termo.

Desaparecido na generalidade o mau costume, afrouxou o rigorismo repressivo, com largas culpas pando sobre os ombros de muitos senhores árbitros, e em consequência foram, pouco a pouco, regressando os antigos processos de atropelo ao elementar respeito pelo adversário, à lei do jogo lícito, ao imperativo do desportivismo e, até, da mais singela educação.

Dá maus resultados, a demasiada tolerância disciplinar; quando falta no campo a autoridade de quem dirige, o menor incidente espalha a anarquia entre os dirigidos. E a partir de então deixou de haver desporto.

Todo o homem traz, dentro de si, instintos que normalmente a consciência reprime, mas que a paixão exacerbada, o ardor combativo, a defesa de interesses podem libertar se não houver a retê-las o sentimento do castigo imaneente ou, melhor mas menos espontânea, a noção consciente do dever, que é uma consequência da educação cívica.

Os preceitos disciplinares são a salvaguarda da regularidade de todos os espectáculos desportivos; a sua aplicação severa, embora possa parecer à primeira impressão e nos casos extremos, perturbadora do seguimento normal da pugna, é na realidade o único recurso eficaz para suste-

tências irregulares em aguda fermentação.

Recomendando rigor, a Federação de Futebol segue a boa doutrina; é preferível um castigo exemplar, aplicado a tempo devido, à tolerância nunca compreendida e tomada, regra geral, como incentivo ao prosseguimento nos exageros cometidos.

Num organismo sobre-excitado, nada como uma ducha fria para o fazer voltar à normalidade.

Auto-abastecimento

Noticiaram os jornais que os organizadores dos próximos Jogos Olímpicos tinham anunciado ser-lhes impossível assegurar a alimentação, durante a sua estadia em Inglaterra, aos participantes e acompanhantes vindos do estrangeiro; pelo que cada delegação deverá vir do seu país convenientemente auto-abastecida, se não quiser sofrer as consequências das restrições actuais.

Es é um problema inteiramente novo que as actuais condições de anormalidade que persistem pelo Mundo apresentam aos dirigentes responsáveis pela representação olímpica; problema complexo (há muitos países onde o regime alimentar interno já é deficiente e não comporta circunstâncias excepcionais) que vem sobrecarregar consideravelmente todos os orçamentos e, talvez, reduza ou elimine a capacidade numérica de deslocação em algumas nações pior apetrechadas.

Não se pode ainda prever, porque nenhuma declaração oficial as autorizaram ainda referentes ao assunto, qual seja o volume e a qualidade da eventual representação portuguesa, mas na elaboração dos planos olímpicos, surgiu assim um novo factor com que contar.

A dificuldade dominante nas possibilidades de envio a Londres dos nossos desportistas seleccionados, será com certeza a realização de fundos suficientes; esta condicionará mesmo, seguramente, aqueles.

Aos encargos de preparação, de transportes, de estadia, de assistência, juntam-se ainda, pela força das circunstâncias anunciadas, os de auto-abastecimento. Se pensarmos que apenas escassa meia dúzia de meses nos separam da data em que a resolução definitiva tem que ser comunicada, chegaremos a conclusões pouco optimistas.

No entanto, no plano de crescente e utilíssima actividade desportiva internacional portuguesa, os Jogos Olímpicos constituirão uma oportunidade excelente de marcar presença e adquirir conhecimentos.

Vale a pena começar, desde já, a fazer economias no raciocínio.

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALÁCIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Itália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Massagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano
Cinema - Concêrtos - «Dancing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

Ano V — II Série — N.º 250
Lisboa, 17 de Setembro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19. - 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIÉDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium



O Belenenses construiu muitas oportunidades, mas não soube aproveitá-las...



Fernando, o guarda-redes do Oriental, num salto prodigioso de agilidade!

Fotos MANIQUE



NAS SALESÍAS

**Belenenses, 2
Oriental, 0**



Ernesto, o novo elemento do Belenenses, depois de enganar um adversário vai defrontar-se com o sólido Morais

Bravo ataca em bom estilo, mas Ernesto defende com segurança



Ernesto defende a tempo...



Bravo ataca o guarda-redes, sem resultados práticos. De um lado vê-se Baptista, e do outro Mota

ATLÉTICO, 6-ESTORIL, 3